

MILHA 12



GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Número 9
Dezembro de 2025



AB INITIO

Chegamos ao nove, e há qualquer coisa nele que nos fascina. É o número que nos lembra que a vida é feita de ciclos, que cada fim prepara um recomeço e que, por vezes, é preciso fechar portas para que outras se abram. O nove fala-nos de compaixão, de altruísmo, de dar sem esperar nada em troca e da sabedoria que só a experiência e os erros conseguem ensinar. Fala também de deixar para trás o que já não nos serve, de aprender com o que passou e seguir em frente, mesmo quando parece difícil. Matemática? É o quadrado do três, simples e perfeito, discreto, mas cheio de sentido, tal como a vida que se organiza em padrões que nem sempre vemos. Ao longo da história, o nove marcou culturas e tradições: nas Musas gregas, que inspiravam as artes; na Bíblia, com a nona hora da crucificação de Cristo e os nove frutos do Espírito Santo; nos templos astecas de nove andares, que representavam as etapas da alma; e na China, com os nove passos até ao trono do imperador. Em todas estas histórias há sempre a mesma lição: o nove é sobre ciclos que se fecham, sobre aprendizagem, sobre a continuidade da vida.

À medida que nos aproximamos do fim de 2025, estas reflexões ganham ainda mais sentido. As festividades de Natal trazem consigo energias positivas lembrando-nos da importância da esperança e do desejo de um mundo melhor. É tempo de renovar sonhos, abraçar afetos e preparar o coração para novos desafios. O Milha 12 surge como símbolo desta renovação, celebrando votos de um ano cheio de concretizações, de alegrias partilhadas e de conquistas possíveis. O nove, o Natal e o Milha 12 lembram-nos que cada ciclo termina, mas que há sempre espaço para recomeços, para a vontade, a criatividade e para transformar a vida e a cultura em algo mais belo e significativo. No fundo, é um convite para celebrar o que passou e para olhar com esperança o que ainda está por vir.

Diretório Coletivo



Rua Júlio Pinto

José Brandão de Sousa

Muitos oliveirenses passarão nesta rua e interrogar-se-ão sobre quem terá sido Júlio Pinto. Efetivamente, a placa toponímica não esclarece nada. Em geral, as placas toponímicas de Oliveira de Azeméis (e não só...) quando indicam o nome de uma personalidade complementam-no com a indicação da sua atividade mais relevante. Temos "Avenida António José de Almeida - Político", "Rua António Alegria - Benemérito", etc. No caso da rua Júlio Pinto não há nada. Zero. Daí que, legitimamente, possa surgir a interrogação: afinal, quem foi Júlio Pinto?

Espírito livre e libertário, Júlio Pinto, era uma personalidade multifacetada: resistente antifascista e militante do Partido Comunista Português desde muito novo, deserto do exército colonial, preso e torturado pela PIDE, jornalista, professor, escritor, cronista (da imprensa e da rádio), autor de banda desenhada.

Percebe-se, assim, por que razão a placa não contém mais nada a não ser o nome do Júlio. Imagina-se a discussão no seio da Comissão de Toponímia sobre como "qualificar" o Júlio. Um dizia escrever-se "Político", outro sugeria "Resistente antifascista", outro ainda "Jornalista". No final, não houve nem consenso, nem maioria. Venceu um empate a zero. Não saiu nada!

Mas, se a Comissão de Toponímia não se entendeu, os serviços de trânsito da Câmara Municipal resolveram o problema: um significativo sinal de trânsito foi colocado mesmo ao lado da placa toponímica: "Sentido Proibido"! E este sinal explica quase tudo: Júlio Pinto foi um transgressor. Se havia um "sentido proibido", era mesmo por ali que ele ia. Viveu a vida em permanente contraordenação. O seu currículo está cheio delas.

A rua a que foi atribuído o seu nome, também, não poderia ter sido mais bem escolhida. Localizada no eixo "Casa Hilário" (onde se obtinham livros proibidos pela Censura), ARCA - Associação Recreativa e Cultural de Azeméis ("O Homem para ser livre tem de ser culto" - estava escrito no topo da escadaria de acesso) e o Café Lusitano (das tertúlias da Oposição ao fascismo), esta rua foi testemunha, ainda antes do 25 de Abril, das primeiras violações dos "códigos" pelo Júlio.

Júlio Pinto nasceu em Oliveira de Azeméis em 13 de junho de 1949 e faleceu em Lisboa em 5 de outubro de 2000. Fez há pouco 25 anos.

(o leitor poderá saber mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/j%C3%BAlio_pinto)

FICHA TÉCNICA

Milha 12 - Gazeta Cultural
Número 9 - Dezembro de 2025

DIRETÓRIO COLETIVO

José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa |
Paulo Monteiro

MORADA

Rua António Bernardo 500, 2^a fase, 5^o Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO

Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Paulo Monteiro

AVISO: As opiniões expressas nos textos são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

CAPA: Pai Natal 4.0, Ilustração - Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO

António Luís Costa | Augusto Baptista | Filipa Pinho |
Filomena Judite Brandão | Helena Terra | Irene Lúcia
Arede | Jorge Fiel | José Carlos Soares | José Brandão de
Sousa | Júlio Pinto | Júlio Roldão | Isabel Costa | Matos
Barbosa | Nuno Saraiva | Paula Sousa | Paulo Monteiro
| Raquel Costa | Rui Graça Feijó

milhadoze@gmail.com

milhadoze.wixsite.com/milha-12

Milhadoze

Milha Doze



Andando aos papéis

Júlio Roldão

As minhas Universidades

Uma folha de sala da exposição que Serralves mostrou, na Primavera de 2013 com obras do escultor Alberto Carneiro, é o "papel" que hoje escolho para dar continuidade a esta minha seleção de papéis.

Relendo-a, viajo no tempo e volto a entrar num carnaval que o mestre escultor e santeiro Alberto Carneiro trouxe de Londres para Coimbra, há mais de meio século, e instalou numa das salas do Círculo de Artes Plásticas, à Rua de Castro Matoso, frente à Clepsidra, um bar, ligado às "repúblicas" dos estudantes conotados com a oposição à ditadura e frequentado pela fauna que gostava de começar as noites a conversar. A Clepsidra já fechou há muito, mas o Círculo de Artes Plásticas, segundo as minhas pesquisas cibernéticas ainda mora na Rua Castro Matoso.

Na Clepsidra, que eu já fixei numa falsa serigrafia e que também cantei num poema contrafeito a que chamei de "Clepsidra, meu amor", na "Clep" havia um mural de Mário Silva pintor, havia um piano velho que servia de aparador e muitos bancos redondos de três pernas, sim senhor!

Na Clepsidra, havia gente tão linda e vinhos tão especiais que os céus da boca cantavam fazendo vibrar os cristais. Na "Clep", até o vinho frisante era champanhe francês, na ilusão de um amante amando a primeira vez... Tudo isto volta a passar na tela imaginária de quem, como eu, anda a catar papéis na memória perecível dos que acreditam, como um certo poeta cujo nome esqueci, que a maior dignidade humana é poupar humilhação aos outros.

A CAMINHO DE BELÉM

A escassas semanas do terceiro ato eleitoral em menos de um ano, e já com alguns debates no bucho, apodera-se de mim uma melancolia soturna, estados de alma que alternam entre o desdém, a descrença, o asco e o "tanto faz".

Nos meus quarenta e dois anos, quatro presidentes da República (de Ramalho Eanes não tenho memória, só conheço o que a História conta): pelos quatro tenho respeito e reconheço os diferentes legados. E é por cada um, de Mário Soares a Marcelo Rebelo de Sousa, ter tido um papel tão diferente, mas tão crucial que me angustia a pobreza - a todos os níveis - das principais escolhas que estarão disponíveis no boletim de voto de 18 de janeiro.

Marques Mendes tentou emular o percurso de Marcelo Rebelo de Sousa como pitonisa de Carnaxide, mas falhou na empatia e popularidade. Henrique Gouveia e Melo (sabe Deus quem é que o convenceu que esta candidatura era uma excelente ideia) é uma daquelas laranjas grandes e brilhantes de supermercado: espreme-se e não sai nada. João Cotrim de Figueiredo, outrora um charme de boa educação e civismo, virou a boneca e demonstra nesta pré-campanha uma arrogância possidónia que até a Tia Bli condenaria.

António Filipe, Catarina Martins e Jorge Pinto são equívocos de uma esquerda que vive numa qualquer *La La Land* e que ainda não percebeu que o País galga a toda velocidade para a maioria de extrema-direita.

André Ventura, que teve ali um vaipe qualquer no final do verão, meteu o turbo MPGA (*Make Portugal Great Again*) e parece uma metralhadora de comentários do Facebook que profere em tom, ora enervado, ora em falsete, ora com aquele meio sorrisinho torcido. Ou é isso ou está à beira de um esgotamento nervoso. Percebe-se. É muita coisa para um homem (orgulhosamente) só.

António José Seguro que, em princípio, terá o meu voto porque é uma pessoa genuinamente decente, ponderada e racional, entusiasma tanto quanto um Corneto meio derretido em pleno agosto. Mas já tivemos 10 anos de entusiasmos e sobressaltos e beijinhos e piparotes e passou-bens e abraços e confusões. Em calhando, não é mal pensado jogar pelo Seguro.

Raquel Costa

DURA LEX!

Augusto Baptista

Tatuou uma saia, um casaco, uma blusa. Meias de vidro, uns sapatos de salto alto.

Saiu.

Na rua, um polícia:

- A senhora não pode andar assim!
- Assim?
- Dessa maneira!
- Não estou a entender.
- Não pode andar nesses preparos!
- Desculpe, continuo a não entender.
- Não pode circular na via pública nesse desamparo de roupa!
- Mas, senhor agente, estou de saia, casaco, blusa...
- Pois, pois. Sem nada por baixo!
- Ah, isso, como são coisas de pôr e tirar, entendi não...
- O argumento não colhe. A blusa, a saia e o casaco também são coisas de pôr e tirar.
- Tem razão, mas entendi não haver necessidade.
- Bonito, não haver necessidade... E a decência?!
- Uma hipocrisia, senhor agente.
- E o decoro, os bons costumes! Assim salta tudo à vista.
- Nada que as pessoas não conheçam.
- E a lei?!
- Ah, a lei. Confesso, não me lembrei. Pois, a lei.
- Esta ocorrência configura prevaricação grave. Dá cadeia!
- Que chatice.
- Nem lhe passa pela cabeça a encrenca em que a senhora está metida!
- Que chatice. E o senhor agente não poderia, sei lá, não poderia fechar os olhos?
- Fechar os olhos?! Fechar os olhos?! Seria a última coisa a passar-me pela cabeça, minha senhora! Dura lex! Dura lex!

Quando o Pai Natal Diz “Não”

Naquela noite de Natal, o Pai Natal passou por uma casa com o saco carregado de presentes. Mas, estranhamente, naquele lar, deixou de fora o pedido mais desejado de uma criança: o telemóvel novo. Não foi esquecimento. Foi acordo silencioso com os pais.

“Não agora”, tinham pedido. “Ainda é cedo. Queremos que cresça a brincar na rua, a rir com os amigos, a partilhar histórias na escola e em casa, sem ter sempre um ecrã à frente. Queremos que aprenda a ser ele próprio, sem pressões externas, sem comparações injustas, sem um mundo virtual a tentar tomar o seu tempo e o seu crescimento.”

O Pai Natal, sempre atento, entendeu. E seguiu viagem, deixando no lugar do telemóvel algo invisível, mas mais precioso: a liberdade de viver a infância na sua plenitude. Que a criança corresse, se aborrecesse, inventasse jogos, sonhasse alto, risse com vontade e aprendesse com os pequenos erros.

O telemóvel poderia esperar. O presente verdadeiro não se compra: era o tempo, a atenção, a segurança de crescer equilibrada, de ser feliz sem filtros, de aprender a respeitar e a conhecer o mundo real antes de se perder num mundo hostil, enganador e cheio de ruído.

E assim, aquela noite de Natal não ficou marcada por uma ausência, mas por um cuidado silencioso, por um abraço invisível que dizia: “cresce livre, cresce inteiro, e um dia o telemóvel será só mais uma ferramenta, não o centro de tudo.”

Paulo Monteiro

OS TEXTOS SÃO DA
RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DE
SEUS AUTORES



Albertina traçava a língua...

Para atingir a perfeição, Albertina traçava a língua cerrando os dentes, e certo é que a perfeição surgia assim, da boca para as mãos, como se uma as outras guiasse. Albertina traçava a língua como quem prende o imaginário ao gesto de criar, que trabalhos delicados ordenam línguas traçadas e dedos esquivos.

Albertina traçava a língua...

E nesse trejeito mordia o mundo por dentro. Com sorriso fácil e o coração encostado à dor, vivia os dias secos e as memórias húmidas de um passado que não sai nem desbota, nódoa de tinta que decide ficar.

Albertina traçava a língua, costurando as dores aos tecidos em retalho.

Gostava das cores, dos trapos, do compasso do dia de Páscoa e da cera no chão a brilhar.

Gostava das filhas cuidadas como tesouros, que a rua é museu e muitos eram os olhos nelas postos, como se a vigiar o seu zelo de mãe.

Ela traçava a língua porque lhe doíam coisas que não se dizem alto: a maldade do povo, os armansos, a dureza de um marido que nunca soube ver...

Doía-lhe o filho que a morte levou cedo demais. Doíam-lhe, como viva carne, as dores dos netos.

Em casa da Albertina, a que traçava a língua, nós traçávamos caminho.

Lento....

que ali o tempo não andava e não corria.

Passeava-se como se os corredores fossem trilhos de uma floresta inventada só para nós.

E enquanto o tempo passeava, ela traçava a língua.

Engolia raivas.

Guardava sonhos.

Sufocava saudades.

Apertava dentro de si a vida que nunca pôde ter.

O que guardamos cresce.

Ganha forma.

Ganha voz e...

e um dia começa a lutar connosco — como se viver dentro do próprio corpo fosse uma batalha diária.

Para enfrentá-la, Albertina traçava a língua e inventava uma matemática secreta só sua, onde as alegrias eram a soma dos filhos com os netos, menos os defeitos, vezes o orgulho elevado ao quadrado.

E tudo o que ela foi, a minha avó, tudo o que ela sentiu, a Albertina, está agora traçado em mim, como nela estava a traçar a língua — esse gesto pequeno, teimoso, perfeito — com que transformava dor em cuidado, silêncio em gesto, vida em obra.

Albertina traçava a língua,

E eu aprendi a herdar o que ela não disse.

Filipa Pinho

JARDIM À BEIRA-MAR

José Carlos Soares

Há um encanto impressionista no receio
Com que entras no mar, ainda que este
Assuste mais os olhos que o corpo
O qual assimila a ondulação
Como se já nela tivesse habitado.
Depois sais, sorrindo, crescendo da espuma,
Como se o mar te oferecesse
A estas minhas mãos impacientes.
Só então percebo os teus cabelos (*: assim são as algas*)
E o teu corpo desenhado de areia.
No preciso momento em que no areal te estendes
Começam a nascer-te lírios e cordeiros-das-praias
Fazendo de ti canteiro selvagem
Ou dunas móveis onde mar e terra
Se desafiam em erosiva harmonia.
Eu entro então nesse jardim marítimo
E mato a sede na humidade
Que as plantas retêm à flor da pele.
Depois refugio-me repousando
Por entre as sombras rendilhadas
Que o teu corpo languidamente me oferece.
Mas é aí que encontro todo o ardor —
O teu rosto, o sol dos meus dedos
E a tua boca, o forno onde os queimo
Quando nela procuro o sustento do amor.



JÚLIO PINTO

QUASE MADRUGADA DE 5 DE OUTUBRO DE 2000. JÚLIO PINTO, QUE CALÇAVA 43 E SÓ NÃO PARTICIPOU NO MAIO DE 68 PORQUE NÃO ESTAVA LÁ, TERMINAVA MAIS UMA CRÓNICA PARA O INDEPENDENTE E HAVIA TAMBÉM DESPACHADO MAIS UM ARGUMENTO DE DUAS PÁGINAS, JÁ ENCAMINHADAS PARA O MEU MAIL. EU DEVIA ESTAR A CAMINHO DO LUX QUANDO ALGUÉM RESOLVEU FAZER UMA VISITA AO JÚLIO. ÀQUELA HORA TARDIA ...



KARL MARX ? MAS O QUE É QUE EU FIZ DE MAL CONTRA O SENDERO LUMINOSO ?

JÚLIO PINTO, VENHO BUSCAR-TE. COMIGO, IRÁS CONFIRMAR LÁ DE CIMA, COM UMA VISTA PRIVILEGIADA, AS DIFERENÇAS ENTRE A PAUPERIZAÇÃO RELATIVA E A PAUPERIZAÇÃO ABSOLUTA ! ...



Ilustração/Cartoon/BD: Nuno Saraiva



Ilustração/Cartoon/BD: Nuno Saraiva

Margarida Cartas a

Por Paula Sousa

Querida amiga Margarida:

Espero que esta carta a vá encontrar bem de saúde.

Escrevo, talvez, a minha última carta deste ano de 2025, onde tanta coisa aconteceu em Portugal e no mundo. Escrevo-lhe já em época natalícia e é com esta época no pensamento que recordo o meu Natal na casa que me viu partir como garoto, para me receber, depois, como homem. Recordo os Natais passados, daquela altura em que tudo — mesmo o mais insignificante dos silêncios — estava e fazia-se sentir para além da pele. O Natal estava no parco repasto, no frágil aquecimento e no negrume agreste do frio cortante do vale encantado de Ossela.

Agora que penso nisso, pergunto-me que sabor havia nas batatas da ceia, criadas na terra e colhidas com o suor da labuta, regadas com as lágrimas de quem sonhava partir para ganhar um pão menos duro. Era um sabor feito de esforço e de partilha porque até o pouco dividido entre todos se tornava festa. Hoje, quando o fiel amigo com todos chega à mesa sinto comigo esse gosto antigo e percebo que a pobreza tinha outra generosidade: sabia oferecer presença.

Esses pequenos rituais, feitos de coisas simples, eram sinais de cuidado: um gesto sincero de quem quis dar, sem esperar nada que não fosse a alegria do outro. E então o Natal, por mais pobre que fosse em objetos, tornava-se rico em significados.

Hoje tudo se transformou... Quando fecho os olhos, ainda vejo o presépio musguento, o barro das figuras paternais lascado pelo uso, a meia rota pendurada onde, num tempo, a barrita de chocolate cabia com um sorriso tímido. São as caixas embrulhadas que agora se amontoam sob árvores cheias de luzes, presentes comprados com pressa e dispostos com ritual quase industrial. Aguarda-se um mês inteiro para a abertura, e muitas vezes a surpresa foi trocada por listas e encomendas. Parece que a pressa e a abundância fizeram-nos perder a delicadeza do tempo de antes: o tempo de conversar, de ouvir uma história ao pé da lareira, de sentir a casa respirar connosco.

Querida amiga Margarida, partilho uma inquietação nova que nos obriga a pensar: quantas raízes foram arrancadas quando as aldeias ficaram mais vazias? Quantas memórias se perderam quando os mais novos partiram em busca de oportunidades? Quantas novidades chegaram com quem voltou ou com quem ficou e reinventou a sua vida aqui? E as casas cada vez maiores, estão cada vez mais vazias... Num tempo em que se fala tanto em eficiência, tecnologia e números, a verdadeira riqueza continua a ser o gesto que aquece outro corpo humano.

Vivemos tempos de certezas instáveis e de notícias que chegam com força pelo telemóvel. As crises e as mudanças climáticas, a migração, as novas tecnologias; tudo isso muda a paisagem e as formas de viver. Urge reencontrar o sentido do coletivo, a confiança nos vizinhos, o cuidado com a natureza que nos sustenta. Aprendemos, por vezes à custa de perdas, que não há futuro social sem memória partilhada e sem comunidades que cuidem umas das outras.

Por isso, este Natal, proponho que voltemos a pequenas práticas: escrever uma carta a um amigo, ajudar num projeto comunitário, levar uma refeição a quem está sozinho. Talvez sejam gestos modestos, mas sei que, nas minhas recordações do vale de Ossela, é que encontro forças para acreditar que ainda vamos a tempo de olhar para o lado se houver vontade humana de o fazer.

Termino desejando-lhe um Natal sereno, pleno de pequenos encontros e de palavras ditas com carinho: que a casa que a viu crescer receba calor e risos e que, no novo ano, encontremos mais motivos para sorrir e novas forças para construir pontes de entendimento entre nações.

Com amizade e saudade,

JMFC



Os avós de Gaza

Em Gaza, os avós vivem demais,
vivem mais que as orações
e vontade de chão!
Vivem nas ruínas da casa
que ergueram e desmoronou.
Em Gaza, os avós choram demais
e clamam pela demência da memória.
Que Deus mate os avós de Gaza
antes de adormecerem os netos,
inertes na pálida mortalha,
na colcha de pontos incertos
que o povo não bordou.
Que Deus os poupe, que Deus os ouça,
que extinga os fornos sem pão,
que murche os motivos da louça,
que apague de vez a acandalha
que mantém o coração que trabalha,
e os pés rasos em terra rasa
dos avós tristes de Gaza.

Isabel Costa

À vontade do freguês

Jorge Fiel

Para conferir cimento estatístico à minha tese de que o ponto e vírgula está em vias de extinção, dei-me ao trabalho de contabilizar a pontuação usada em quatro textos escritos por quatro reputados fazedores de opinião na imprensa portuguesa. O resultado foi este:

“Esplanada-toldo-esplanada”, MEC (Público, 3 setembro) - 18 pontos finais, 17 vírgulas, 3 dois pontos, 1 parêntesis e 1 ponto de exclamação;

“A Europa definha”, Clara Ferreira Alves (Expresso, 29 agosto) - 64 pontos finais, 151 vírgulas, 3 pontos de interrogação, 2 parêntesis;

“O que o Chega quer”, António Barreto (Público, 30 agosto) - 88 pontos finais, 94 vírgulas, 19 pontos de interrogação, 5 dois pontos, 3 pontos de exclamação;

“A longa tragédia da season Sócrates”, Ricardo Costa (Expresso, 29 agosto) - 17 pontos finais, 27 vírgulas, 4 travessões, 1 dois pontos, 1 ponto de interrogação.

Ou seja, zero pontos e vírgula, nem um sequer para amostra. Faz-me muita pena que este sinal de pontuação esteja em vias de extinção - tal como o chupão, mas ao contrário do lince da Malcata e os castores que estão a ressurgir em força -, pois dou-lhe muito valor (só neste postal já empreguei três): separa orações e é uma subtileza, um pausa maior que a da vírgula mas menos que a do ponto final.

A porra toda é que além de estar em vias de extinção, o ponto e vírgula também anda mal conceituado. Tu vê lá que numa carta despeitada a uma ex-amante o Pablo Neruda chamou-lhe “um ser extremamente desprezível, uma espécie de ponto e vírgula”.

A atividade de escrita da generalidade das pessoas esgota-se nas redes sociais (só mesmo um chalado como eu para escrever postais), um mundo onde não há lugar a pontuação extravagante, nem travessões, nem dois pontos, que faria pontos e vírgula?!?

Tornei-me um ativista (está muito na moda ser ativista) do ponto e vírgula também pelo simbolismo que ele encerra. Não sei se sabes, mas pessoas que ultrapassaram depressões e tendências suicidas tatuaram um ponto e vírgula, significando que numa esquina da vida escolheram seguir em frente em vez de porem um ponto final.

Gosto muito da nova imagem do Porto inventada pelo Eduardo Aires, a encomenda do Rui Moreira; mas ao **Porto**, preferiria um **Porto**; - ou até mesmo um **bem mais Porto**; , mas ... (bem, as reticências também já conheceram melhores dias mas isso fica para outra conversa).

25 de Novembro: O que dirá agora o pássaro?

Rui Graça Feijó

É um lugar comum repetir que a História é escrita pelos vencedores. Quem vence deve juntar ao feito uma narrativa com um certo grau de adesão à realidade – mas nem sempre revelando tudo... Assim terá sucedido com o 25 de Novembro de 1975. Existe uma versão “oficiosa” – e inúmeras dúvidas por esclarecer. Menos frequente é indagar os motivos pelos quais a narrativa dominante se impõe num campo com versões distintas, por vezes antagónicas. O poeta T. S. Eliot, porém, escreveu versos que respondem de forma luminosa a esta questão:

Vai, vai, vai, disse o pássaro: o género humano/Não suporta demasiada realidade.

Michel Foucault também dá uma preciosa achega ao escrever que “em todos os períodos históricos existe um certo número de condições de verdade que condicionam o que é possível e aceitável ser dito.”

Passados 50 anos sobre esse episódio, teremos nós as “condições de verdade” para o revisitarmos? Ou mantemo-nos num quadro em que a manipulação da narrativa permanece no centro das atenções? Podemos seguir a receita de António Gedeão que mandava “olhar de lado / do outro e de frente”?

A Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril mostrou, tanto na sua composição (o Presidente da República preside à Comissão Nacional, que integra ainda o Presidente da Assembleia da República, o Primeiro Ministro, os presidentes dos Tribunais Superiores e o da Associação 25 de Abril), como no seu extenso, variado e ousado programa (sancionado pela Comissão Nacional), que a História do 25 de Abril perpetuamente se renova, nada exclui, e a todos convoca. Parecia que estava encontrado um quadro adequado para a revisitação do 25 de Novembro, ou do 11 de Março, ou do 16 de Março, ou de tudo quanto sucedeu. Porém, o atual governo sentiu a necessidade (porquê? O PM e o PAR não se sentiam confortáveis com o programa que tinham aprovado?) de criar uma comissão especificamente para enquadrar o 25 de Novembro. Tenho uma suspeita...

Escrever e Reescrever a História

Temos assistido ao surgimento de uma corrente que reivindica a necessidade de “reescrever a História” – ou seja, de se distanciar da ladinha encantatória que, dum lado vê os maus (os que “iniciaram um golpe de Estado de extrema esquerda”) e do outro os bons (os que responderam à surpresa com acções defensivas destinadas a garantir a vitória de um regime democrático pluralista). Como pano de fundo, uma ideia simples: os acontecimentos dessa data terão sido muito mais complexos do que essa caricatura.

Este esforço parte daqueles que intervieram ao lado de quem acabou por vencer, mas nem se identificam com o resultado obtido (muito aquém da ruptura que pretendiam), nem com quem personificou e continua a personificar os “vencedores”, e por isso se consideram injustiçados pelo silêncio ou menosprezo que tem recaído sobre o seu contributo.

Ou seja: entre os “vencedores oficiais” há quem tenha perdido uma aposta restauracionista e autoritária e hoje querem impor uma nova narrativa em que deixem de ser vistos como marginais ou fantasmas.

O terreno parece-lhes fértil: sugerir (ou mostrar com evidência ainda não divulgada publicamente) que no 25 de Novembro estiveram em campo organizações, ideologias e indivíduos, civis e militares, com objetivos que iam além do que resultou desse episódio e punham em causa a própria ideia de construir um regime democrático, dá respaldo e conforto a quem, hoje, ataca “o sistema” que foi construído. Há heróis na sombra que esperam a luz do reconhecimento pela sua presciência e coragem!

Revolução com “mãos limpas”?

Não tenhamos dúvidas: em nenhum dos campos em confronto dominavam as “mãos limpas”. Houve compromissos que ninguém desejava que viessem à luz do dia. Apoios insuspeitos às mais vis operações. Teria sido difícil em 1975 assumir que a “legalidade democrática” personificada pelos órgãos de Estado, que alegadamente estaria ameaçada pela extrema-esquerda, afinal estava a ser igualmente posta em causa por quem meticulosamente preparava intervenções (múltiplas, porventura convergentes na oposição, mas divergentes nos fins) para inverter o rumo dos acontecimentos. Se viermos a saber um pouco mais sobre esse lado escondido da narrativa “oficiosa”, tanto melhor. Só que, para isso, a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril será sempre o quadro de referência que oferece seriedade intelectual e respeito pela polémica.

A composição da comissão especialmente dedicada ao 25 de Novembro dá pano para muitas interrogações. Será que a atribuição da sua presidência a um ministro que se tem distinguido pelo apelo à retomada de Olivença indica que as Forças Armadas Portuguesas se preparam para encontrar no 25 de Novembro uma justificação histórica para tal façanha? Será que a inclusão da Sociedade Histórica da Independência de Portugal significa que vamos ter uma petição para incluir o 25 de Novembro no rol de datas que se inicia com a Batalha de Ourique, passa pelo 1º de Dezembro de 1640, e, certamente, pelo 28 de Maio – talvez para esconjurar o terrível 10 de Junho de 1985, quando Portugal assinou a adesão à então CEE? E a presença de militares como o presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, o diretor-geral de Política de Defesa Nacional, e um representante da Associação de Comandos significa que, para quem os nomeou, o episódio de 25 de Novembro de 1975 é essencialmente um caso de estudo de estratégia e tática militar, inocentando os pobres civis – coitados, andavam todos enganados... – de qualquer interferência ou influência nas “operações”?

25 de Novembro de 1975: origem intelectual/moral da aversão ao “sistema”?

O resultado desta iniciativa, imagino-o pobre em termos de conhecimento histórico, mas significativo em termos de gerar combustível para alimentar a atual cruzada contra o “sistema”, dando-lhe uma mítica aura de continuadora dos propósitos de quem, afinal, também perdeu no dia 25 de Novembro.

A DANÇA DAS FOLHAS

Irene Lúcia Arede - 2025

Saio e entro na noite
sem lanterna nos olhos
nem medo a fingir coragem
triste apenas de estar "só"
comigo.

As árvores do passeio arborizam o sonho
impelindo-me a fantasiar poesias
de rouxinóis e mãos enlaçadas contigo.

Habitamos a substância do tempo.

O outono começa a ser real
e a semear melancolia nos caminhos,
com o fatal cair das folhas.

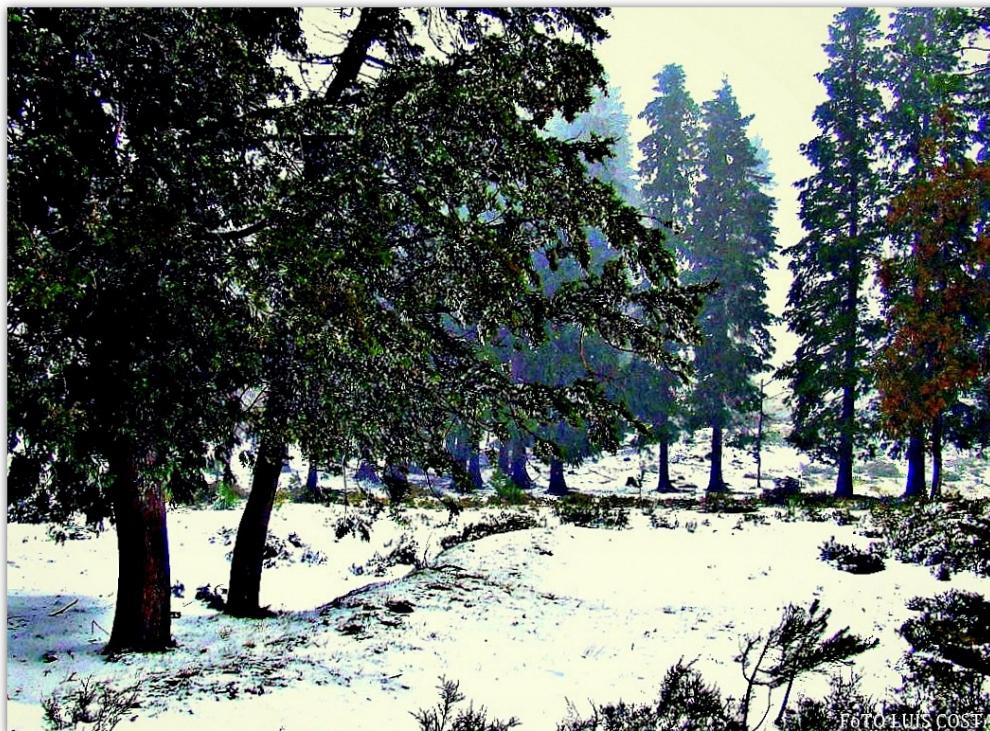
Sonâmbulas, as folhas abandonam-se ao vento
que as leva a uma dança enfeitiçada
sem pudor das estrelas que vigiam
os devaneios da noite, lá de cima.

Reabro a porta da minha solidão
e entro menos só.

Uma folha entrou comigo
olho-a com carinho, já nos conhecemos.

Andou na dança com as outras
no ciclo do tempo.

Acompanha o amanhecer de um novo dia
onde emergindo da noite e do silêncio,
livres, não nos deixamos pisar.



Fotografia: António Luís Costa



Ilustração: I. L. Arede



REENCONTRO

Abro os braços
E encho o peito de ar...
- Ouve-me a respirar,
Agarra-me sem abraçar
Tenho o céu para contemplar...
Vou fechar os olhos para sonhar.
Pousa em mim o teu olhar.
Vamos rodopiar,
Mas com calma e devagar...
- Segura-me, fica perto de mim.
Gosto de me sentir assim...
Sinto-me livre e em segurança.
E eis que regressa à lembrança
O dia em que te reconheci
Depois do acidente que vivi.
Meses em que me esqueci de ti
Em que me esqueci de mim...
Agora sei onde estou e ao que vim:
Nos teus braços me encontrei,
Nos teus braços me perdi!

Helena Terra

Matos Folgos
II.2025

Festas Felizes
com o Milha 12
na mão !

